

## DESENVOLVIMENTO

## Investimentos bilionários em compasso de espera

**CMPC e Refinaria Riograndense dependem de questões externas para avançar com projetos**

Eduardo Torres

O setor industrial foi responsável, conforme o levantamento do Anuário de Investimentos do Rio Grande do Sul, organizado pelo Jornal do Comércio, por R\$ 32,3 bilhões em aportes na economia gaúcha em 2025. Ou 35% dos valores investidos no Estado no último ano, uma redução de 25% em relação aos valores investidos e anunciados em 2024 no setor.

Boa parte da explicação está no anúncio, feito em 2024, daquele que é considerado o maior investimento privado da indústria no Rio Grande do Sul, com o Projeto Natureza, da CMPC, prevendo R\$ 27 bilhões em novos aportes para erguer um novo parque industrial dedicado à produção de celulose em Barra do Ribeiro.

No entanto, o momento do investimento bilionário é de espera e incerteza. O licenciamento do projeto é questionado pelo Ministério Público Federal na Justiça. A

multinacional chilena do setor de celulose mantém, até o momento, seu plano de concluir a nova indústria, em Barra do Ribeiro, em 2029.

Entretanto, admite que, se não houver uma solução ainda em 2026, o projeto poderá ser desenvolvido no Paraguai. Se essa alternativa se concretizar, o Rio Grande do Sul perderá o maior investimento privado de sua história.

Na ação do MPF, é solicitada maior participação das populações tradicionais (pescadores artesanais, indígenas e quilombolas) afetadas pela futura estrutura e operação. O órgão exige estudos específicos sobre os impactos a essas comunidades. Questiona ainda os impactos do descarte de efluentes no Guaíba e o risco da ampliação do plantio de eucaliptos em regiões hidrologicamente sensíveis.

A CMPC, em nota, garante estar adotando rigor técnico nos estudos exigidos pela legislação ambiental. Somente na etapa de licenciamento, a empresa desembolsou R\$ 200 milhões no último ano. A multinacional já tem importância estratégica na economia gaúcha, com duas plantas industriais em Guaíba. Somente nos primeiros quatro meses do ano, o Estado exportou US\$ 23,4



Refinaria Riograndense será primeira do Brasil a ter produção 100% independente de combustíveis fósseis

milhões em celulose, representando 5% de todas as negociações de produtos gaúchos no exterior. Uma alta de quase 40% em relação ao mesmo período do ano passado.

O momento também é de expectativa para outro dos maiores investimentos previstos na indústria gaúcha, em Rio Grande. A transformação da Refinaria Riograndense na primeira refinaria convertida para produzir como biorrefinaria 100% independente de combustíveis fósseis no País teve o seu plano de investimentos aprovado no ano passado, com o anúncio de R\$ 6 bilhões em investimentos que deveriam ter o desembolso iniciado em 2026. Mas isso ainda não aconteceu.

Entre os sócios da refinaria, além do Grupo Ultra e da Petrobras, está a Braskem, que tem o seu controle em fase de transferência. Portanto, o aporte depende da aprovação dos novos operadores da empresa. Em nota de sua assessoria de imprensa, a Petrobras confirma que atualmente a produção na Riograndense está parada até que se tenha uma definição para o início da execução do projeto de conversão da biorrefinaria.

Por outro lado, está em Rio Grande, na área portuária, uma das novidades em termos de investimentos significativos na indústria gaúcha. A Ecovix retomou definitivamente as atividades no Estaleiro Rio Grande. Além do início

das atividades para a produção de embarcações, entre navios gasosos e Handy Max, que operam com o transporte de petróleo, que somam R\$ 3,6 bilhões em investimentos por parte da Transpetro, o estaleiro aguarda a resolução de outra concorrência, para a produção de outros quatro navios para a Transpetro, que somarão mais R\$ 1,3 bilhão aos recursos aportados na produção de embarcações.

De acordo com o CEO da Ecovix, Róbson Passos, já são pelo menos seis anos de produção garantida no Estaleiro Rio Grande. Produção que inicia em 2026, com as primeiras ações de transformação do aço nas estruturas já preparadas em Rio Grande.

## Região Metropolitana de Porto Alegre tem projetos de fabricação de carros, aviões e até microchips

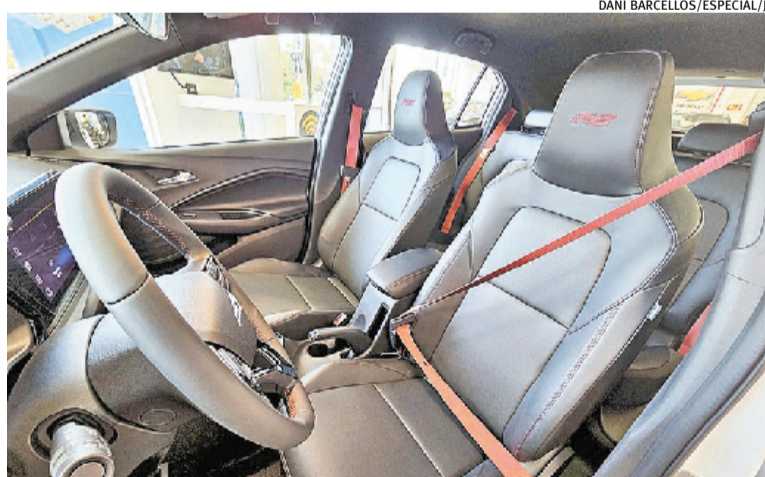
Na Região Metropolitana de Porto Alegre, a espera acabou em maio. Ao menos em Gravataí. Foi anunciado ao mercado, e já iniciadas as vendas, do novo modelo da GM, o Sonic 2027, que se torna a maior aposta da montadora em seu complexo industrial de Gravataí para a retomada no mercado brasileiro. O desenvolvimento do novo modelo exigiu R\$ 1,2 bilhão em aportes na transformação das linhas de produção no complexo.

Segundo a montadora, a indústria de Gravataí, já considerada uma das mais dinâmicas e modernas da GM, recebeu centenas de novos robôs e sistemas integrados com inteligência artificial nas linhas de produção. O objetivo é garantir eficiência plena na produção. Em resumo, qualquer problema em alguma das etapas da montagem deve ser detectado pelos novos sistemas e a produção para até a correção, reduzindo perdas.

De acordo com a GM, o complexo, que também produz os modelos Onix e Onix Plus, chega à fabricação de 63 veículos por hora, com mais de 80% das peças do Sonic desenvolvidas localmente. Com uma alta de 13% nas vendas dos seus modelos nos primeiros quatro meses do ano, a montadora anunciou, durante o lançamento do Sonic em São Paulo, um possível novo pacote de investimentos nas suas unidades brasileiras. É possível que o complexo de Gravataí esteja novamente no radar.

Na vizinha Cachoeirinha é também o processo de modernização industrial que gera expectativa. Com aporte previsto de R\$ 1 bilhão, a Tellescom, que fará o encapsulamento e testes de semicondutores, erguerá uma nova fábrica em parte da área que pertencia ao Cientec, junto ao Distrito Industrial do município.

De acordo com o CEO da Tellescom Semicondutores, Ronaldo



Sonic 2027 é a maior aposta da GM em seu complexo industrial de Gravataí

Alloise Júnior, a fase de licenciamentos e preparação do projeto avança, e a perspectiva é iniciar as obras em Cachoeirinha no começo de 2027. Mas isso não significa que o projeto está parado. A Tellescom já ativou suas equipes no Tecnopuc, em Porto Alegre, e atua também em parceria com o ITT Chips, o

Tecnosinos, e com o Pradotech, de Gravataí. A perspectiva, segundo Alloise, é de que no segundo semestre deste ano inicie a operação da linha piloto, que servirá para desenvolvimento de produtos e preparação das equipes, na unidade do parceiro tecnológico da Tellescom, na Malásia.

O produto, que deve sair de Cachoeirinha a partir de 2028, atenderá a indústria automotiva, sistemas de Internet das Coisas e de comunicação sem fio.

Em Guaíba, outro dos projetos bilionários da indústria, anunciados nos últimos anos, o chamado Aerociti, liderado pela fabricante de aeronaves Aeromot, deve ter a macrodrenagem e preparação do terreno iniciadas no final deste ano para que, em 2028, seja possível a conclusão da primeira aeronave com protótipo próprio.

Com investimento total previsto de R\$ 3 bilhões, até o começo deste ano, a empresa já desembolsou R\$ 80 milhões na fase de licenciamentos. Na primeira fase do projeto, serão entregues uma pista e a fábrica de aeronaves, com conclusão prevista para o final de 2027. Serão os primeiros passos para um complexo do setor na região.